#### O TRÁFICO de DROGAS E sua relação com o crime organizado no brasil.

*SANT´ANNA, C.[[1]](#footnote-1)*

#### Resumo:

Atualmente a sociedade vem passando por um mal que atinge a todas as camadas e vai desde os grandes centros e se espalha até para as cidades do interior. As drogas preocupa a todos, pois suas consequências são avassaladoras, famílias são destruídas, crianças e jovens entram para esse mundo sem expectativa de retorno. A segurança Pública encontra-se talvez nas mãos de um poder paralelo que age exatamente na falecia deixada pelo Estado.

**Abstract:**

Currently, the company has been going through an evil that reaches all layers and goes from the large centers and spreads to the towns of the interior. The drugs concerns us all, because its consequences are drastic, families are destroyed, children and young people come to this world without expectation of return. The Public safety is perhaps found in the hands of a parallel power that acts exactly in di Papa left by the State.

**Palavras-chave**: Crime; Drogas; Estado; Polícia; Segurança Pública, Tráfico.

**Keywords:** Offense; Drug; State; Police, Public Safety; Trafficking.

1. **INTRODUÇÃO.**

Com a saída do tráfico dos guetos, das periferias dos grandes centros e se estendendo até para cidades do interior, nota-se o aumento da criminalidade que tornou-se um problema de todos, ou seja, a sociedade em geral é atingida.

Atualmente o grande número de usuários de drogas, faz com que esse mal se dissemine de maneira descontrolada e atinja várias famílias que lutam diariamente contra essa dependência. Usuários em estado de abstinência buscam uma forma de obterem dinheiro para o consumo, começam a traficar e até mesmo a praticar outros delitos violentos.

Cresce o número delitos violentos e também os relacionados ao patrimônio, aumenta-se o número de assaltos e latrocínios, tudo em busca de se obter a droga. Por touro lado, nota-se também que muitos entram para o tráfico como um meio de vida.

Pessoas que moram nas favelas tem poucas chances de se conseguir um emprego na formalidade que exige altos níveis de estudo, o que se torna impossível para esses moradores conseguirem uma vaga e sem falar na discriminação a qual são submetidos, por residirem na favela. Muitas vezes não se pode falar que é morador de uma, que automaticamente serão descartados até mesmo nas escolas para se conseguir uma vaga, o pessoal manda voltar no outro mês e depois no outro mês novamente e assim vai passando o ano e não se consegue entrar naquele ano letivo.

Crianças que convivem com essa segregação social veem no tráfico um meio normal de se ganhar a vida, pois geralmente seus pais são envolvidos com ele e a presença desse ilícito em seu meio faz com que cresçam e sigam o mesmo caminho de seus pais, é algo tão normal que até suas brincadeiras não são o que se esperava de brincadeiras de crianças, como brincar som bonecas e carrinhos, brincam de boca de fumo e representam de forma mais pura o cotidiano da favela, até mesmo o arrego dos policiais para não atrapalharem o andamento da boca e até mesmo a execução dos que entregam o esquema.

Jovens e crianças são entram para esse mundo, por não ter expectativa de conseguirem um emprego na formalidade e fazem com que essa “empresa” do crime cresça diariamente, por ter cada vez mais adeptos.

A vida de um traficante não é longa pois os perigos aos quais são submetidos faz com que não tenham muita expectativa de vida, os conflitos que se submetem com a polícia e com outras facções pela disputa do poder, faz com que se não morrerem logo, acabem até em cadeiras de rodas, poucas são suas chances em ter uma vida longa e mesmo sabendo disso entram para esse mundo que dificilmente se terá volta, mas que para muitos é um mal necessário.

Analisaremos nesse trabalho a rotina do tráfico e o envolvimento da camada mais desfavorecida da população mais desfavorecida a este meio e suas consequências a toda a sociedade que está submetida a suportar os efeitos deste mal em todos os sentidos.

1. **O TRÁFICO NO BRASIL.**

A questão sobre o tráfico de drogas, passa a incomodar não somente as classes baixas da população e sim cada vez mais envolve a camada mais alta, atingindo assim os ricos e isso faz com que se torne uma questão importante para a Segurança Pública, pois a partir do momento que a questão envolve a todos, há a necessidade do Poder Público intervir para o bem estar social.

O tráfico faz aumentar a violência, gerando assim uma sensação de medo e a população já começa a cobrar do Estado uma solução para tal questão. Pois se trata de um grande mercado que gera altos lucros para quem tem seu controle, fazendo com isso que a disputa pelo seu domínio seja violenta.

Pensar no tráfico de drogas como atividade expressiva no cenário mundial e notadamente brasileiro, que absorve grande quantidade de pessoas a despeito dos riscos de uma sociabilidade marginal, é dirigir nossos esforços para a compreensão das transformações pelas quais vem passando o mundo contemporâneo. Isto porque, apesar de seu caráter ilegal, o tráfico participa da atividade geradora de capital, detendo um forte e organizado esquema de produção e mercantilização de drogas, configurando-se, hoje, numa prática atrativa, tanto pela possibilidade de acúmulo de capital, quanto pelo reconhecimento social que proporciona aos traficantes, numa forma de sociabilidade extremamente peculiar. (FARIA, 2009, p. 182).

Os conflitos que presenciamos e a violência cotidiana, a grande exposição do fato pela mídia, faz com que a crise se torne presente para todos e os cidadãos que acabam tendo seus direitos fundamentais suprimidos, bem como o de ir e vir sem o medo de ser vítima de uma bala perdida em meio a essa “guerra”.

O alto número de pessoas envolvidas preocupam as autoridades que buscam acabar com tal atividade ilegal, mas acabam “enxugando gelo”, tornando o seu trabalho exaustivo com poucos resultados bons e diariamente o número de traficantes cresce e várias vítimas são feitas nesse mercado violento que geralmente paga-se com a própria vida.

E essa ilegalidade passa a ser algo comum, pois os costumes da sociedade vão mudando e as práticas de alguns ilícitos acabam sendo aceitas, ou seja, a população muitas vezes não se intimida ao passar por uma pessoa consumindo drogas, gerando assim um hábito de seu cotidiano.

Assim como os bicheiros circulavam pelas altas rodas do poder, ligavam-se ao futebol e às pessoas de influência na sociedade, esse mesmo privilégio está sendo buscado pelos traficantes. Essa tendência têm encarado o aparelho repressivo do Estado, principalmente o sistema prisional. Conhecem e exploram com maestria as falhas, que são muitas, dos sistemas policial, judicial e prisional. Os traficantes têm procurado intimidar os honestos, reduzindo-os a quase inação, e aliciar os desonestos, propiciando assim o funcionamento do negócio do tráfico, que em pouco tempo alcançará aqueles status ambíguo do ilegal-tolerado, mesmo porque “seria até desumano deixar os dependentes químicos sem papelotes e buchas”. Sob a mesma óptica dos “bicheiros”, muito tem se falado da impossibilidade de erradicação do tráfico em face do seu valor econômico e ainda como fonte de “emprego” do jovem morador das comunidades/aglomerados. Dentro desse prisma, lembra Caldeira (1998), que alguns segmentos chegavam, inclusive, a propor sua despenalização. A falta de solução para esse grave problema só faz crescer o medo e consequentemente a insegurança. (PEREIRA, 2014, s/p).

E esse tipo de atividade por não ter um controle ou uma fiscalização de determinado Órgão do Poder Público, gera altos lucros para quem tem o seu poder nas mãos, torna-se um mercado atrativo, pois seus enormes lucros, atraem jovens de baixa escolaridade que dificilmente terão boas oportunidades no mercado de trabalho, e a garantia de dinheiro “fácil” atrai cada vez mais pessoas para ali contribuir para a atividade.

Este contexto é caracterizado pela exclusão de um sistema que leva a desigualdades sociais, cada vez mais acentuadas. A proteção social é sujeita a uma pressão privatizante e a atividade estatal fica reduzida ao incentivo aos investimentos, inovações, exportações, falhando no que diz respeito ao provimento de condições mínimas de vida com dignidade humana a uma grande camada da população. Ademais, o mundo do trabalho desponta como alvo de práticas de precarização, uma vez que revela todo o mecanismo do capital de gerar mais lucro, com menos investimentos em melhoria de condições de trabalho, embora haja intensos esforços no sentindo de melhorar tecnologicamente a competividade das empresas. (FARIA, 2009, p. 184).

Meninos e meninas fazem disso um meio de sobrevivência, encontram uma oportunidade para ganhar dinheiro, uma vez que devido aos seus baixos níveis de escolaridade, poucas chances teriam em um emprego na chamada formalidade e diante de suas necessidades acabam entrando para esse mundo e tornam-se assim, também “vítimas” do sistema, pois sobrevivem em áreas de difícil acesso do Poder Público, que cria essa lacuna para o poder paralelo atuar atendendo as necessidades da população local e gera com isso uma gratidão por parte dos moradores que acabam contribuindo com o sistema. Nota-se aí, muitas vezes uma forma de sobrevivência em meio a segregação social a qual são submetidos.

As atividades econômicas ilegais, que não são poucas, por não terem controles institucionais, tendem a ser muito lucrativas para certos personagens estrategicamente posicionados em suas redes de contato que atravessam fronteiras entre os estados brasileiros e as nações do mundo. Com tanto lucro, fica fácil corromper agentes públicos e, por serem ilegais, quaisquer conflitos e disputas são resolvidos por meio da violência. Assim, compreendemos a facilidade com que armas e drogas chegam até as favelas e bairros populares; bem como as mercadorias roubadas – automóveis, caminhões, joias, eletrodomésticos – usados na troca de drogas ilícitas, alcançam os seus destinos finais, os traficantes. A corrupção e a política institucional equivocada, predominantemente baseadas em táticas repressivas dos homens pobres envolvidos nessa extensa

malha, adicionam ainda mais efeitos negativos à já atribulada existência dos pobres nas cidades brasileiras. O combate aos pequenos “aviões” não têm efeito eficaz no combate as drogas. A repressão sistemática, quando bem planejada e empregada com devido controle, é muito importante para a comunidade, pois proporciona a chamada “segurança objetiva” mas, não se revela eficiente para abalar a estrutura das organizações criminosas e interromper a prática de homicídios, roubos, ameaças e outros delitos conexos ao tráfico”. (PEREIRA, 2014, s/p).

O difícil combate ao tráfico de drogas encontra várias barreiras, como o dinheiro fácil que se ganha para ser um “avião” e aliado a isso, os grandes traficantes dificilmente são presos, isso cabe somente a aqueles que carregam pequenas quantidades para os usuários, que muitas das vezes estão traficando para pagarem sua dívida.

Verifica-se que há na comunidade uma cultura ligada ao tráfico, uma vez que crianças brincam de ser traficantes e de se envolverem com o mundo do crime, poucas são as brincadeiras “normais” vamos dizer assim, como por exemplo: com bonecas e carrinhos. Escuta-se até o anúncio de venda de tóxicos, negociações de corrupção por parte da polícia, sequestros, execuções dos “traidores” e demais crimes que lá são cometidos servem de inspirações para as crianças em suas brincadeiras.

A diversão daquelas crianças poderia perfeitamente ser um documentário à parte. Eles vendiam maconha de mentira, embrulhada por um grupo, que repassava para os vendedores, que repassavam para os consumidores. Entre os “consumidores”, havia muitas meninas que traziam outras crianças, menores, que por certo não sabiam o que estavam fazendo ali nem tinha idade para entender aquela simulação, aquela brincadeira. Eram meninas que cuidavam dos irmãos menores, enquanto a mãe trabalhava. As crianças pequenas acabavam dando mais realismo às cenas, porque é assim mesmo que acontece quando as mães viciadas não tem com quem deixar as crianças. Elas levam seus filhos para as bocas de fumo, pegam sua cota e vão embora. Quando a polícia pega, dá umas porradas e libera, não sem antes esculachar. Tanto na vida real quanto na brincadeira, aquelas cenas eram deprimentes. Os que faziam papel de viciados não só brincavam de compra, usando dinheiro feito de jornal, como fumavam de verdade a palha, feita de eucalipto. Alguns até tragavam a maconha de brinquedo. (BILL, 2006, p. 50).

A diversão era completa, com brincadeiras que demonstravam o cotidiano dos moradores das favelas, todas se ligavam ao crime, só se mudava as cenas, mas todas revelava a vida nos morros, eram imagens que ficavam guardadas nas cabeças das crianças. Triste realidade esta que diante da normalidade se transformava em brincadeiras de inocentes que de maneira ingênua retratavam os mais difíceis percalços de seus cotidianos, encenando até mesmo uma mãe dependente de drogas que leva seus filhos para uma boca para comprar tais substâncias.

Outra cena: entra uma menina para pegar dinheiro para pagar o arrego dos policiais, que garantem o funcionamento da boca sem surpresas. Assim as cenas iam se alternando, cada uma delas mais impressionante. Para eles, era só uma brincadeira, para mim, a revelação de um mundo novo. Um mundo, de certa forma, absurdo. Eu tinha a impressão de que aquelas crianças, com aquelas brincadeiras, acabariam aumentando as estatísticas do crime, por mais que algum psicólogo discordasse. A prova maior de que eu estava certo, pelo menos em parte, é que, mais tarde, vi alguns daqueles meninos entrarem para o crime. Vi alguns correndo da polícia. Vi alguns morrerem na mão da polícia, ou morrerem vítimas de suas próprias intrigas. A diferença é que, quando era só brincadeira de criança, eles saíam na porrada quando se desentendiam, mas agora, passados poucos anos, apesar de ainda crianças, as armas são de verdade. Nenhuma cena daquele jogo infantil foi mais reveladora do que a seguir: os meninos “pegaram” um alcaguete, mais conhecido como X9. Era um deles que, cumprindo o seu papel, negava até o último momento que tivesse sido responsável pela prisão do chefe. Mas, por fim, o acusado confessou. Os outros bandidos, de brincadeirinha, começaram a dar pauladas nele e levaram até um buraco, onde, conforme os mandamentos oficiais para esses casos, ele seria queimado. (BILL, 2006, p. 51).

A dura realidade que era imitada nos tempos de criança, torna-se algo do cotidiano dessas pessoas que sofrem com a violência e demais dificuldades que a vida na favelas lhes proporciona, pois mesmo sendo crianças/adolescentes entram para o mundo do crime e muitos acabam morrendo antes mesmo de chegarem a fase adulta, por se envolverem neste mundo que dificilmente tem volta e sempre a longevidade do indivíduo é curta e a certeza da morte é algo que todos trazem consigo.

As crianças do tráfico, são incorporadas pelas facções de modo voluntário, pois solicitam aos traficantes sua entrada ou aderem a ele de maneira espontânea, quase naturalmente, pois convivem com o traficantes desde a mais tenra idade, por volta dos oito anos, e acabam sendo “formados” por eles. À medida que são treinados, adquirindo mais respeito e confiança do dono da boca ou gerente de boca, vão se ascendendo à hierarquia da gangues. Elas se iniciam no tráfico propriamente dito coma atividades mais subalternas como olheiro, fogueteiro ou aviãozinho, assumindo funções de maior responsabilidade assim que se desenvolvem nas atividades do tráfico e se mostram mais preparadas para funções de maior risco. Contudo, o que era de se esperar era que jovens mais velhos chegassem a postos como o de vapor ou gerentes de bocas, pela exigência de maior maturidade por parte deles para enfrentar as novas exigências da função. (DOWDNEY apud FARIA, 2009, p. 202).

Essa atividade “recruta” crianças e adolescentes para prestarem serviço na boca, vai desde a segurança, bem como avisar a entrada da polícia ou de outras facções, crianças são vistas com armas nas mãos e atirando como gente grande, ou seja, sem nenhuma expectativa de uma vida melhor, pois desde muito pequenos já são envolvidos na criminalidade.

Mas por outro lado o tráfico cuida da favela, ele fornece ajuda para comprar alimentos, gás, ou seja, sempre dá uma “mão” para os moradores que lá vivem, torna-se também um emprego para quem tem teria poucas chances para conseguir um trabalho, com isso, várias pessoas que tem um nível de escolaridade baixa entre para esse mundo atraídas pela facilidade de trabalho e de ganho fácil.

Eu entrei com 14 anos nessa vida. Com 11 anos, eu comecei a fumar cigarro, com 12 comecei a fumar maconha, com 14 comecei a cheirar cocaína. Foi aí que eu comecei a entrar na vida do crime, a vida que eu tô agora. (funga) Tudo começou há oito anos trás, quando minha família

tava passando aquele sufoco, aquela tragédia, né, irmão? O dia-a-dia, eu vendo minha mãe sair para trabalhar, aquelas condições, não podia dar de bom e melhor para nós, né? Como? O que eu queria ter eu não podia ter. O carrinho de controle remoto, uma bicicleta...não podia ter. Até então, a gente morava num barraquinho de madeira que pegou fogo. Com dez anos, eu tomei foi um tapa na cara de um polícia. Isso até hoje eu guardo no peito, no coração. Criou uma mágoa dele mesmo, que até então comecei a entrar para essa vida que eu tô até agora, a vida do crime, do lado certo na vida errada. Me arrependo sim. A vida que eu tenho agora não é a vida que eu tinha antes. Antes eu tinha uma vida com algumas necessidade, mas até então eu podia andar tranquilo, não se escondia da polícia, não tinha inimigo nenhum, então eu até andava tranquilo. Agora já não é a mesma coisa. Agora na minha vida não é mais o que era antes. Eu não passo mais a necessidade que eu passei, mas agora eu sou escondido, eu tenho que fugir da polícia. (FALCÃO, 2006, p.78 e 81).

A vida de um “Falcão” é marcada pelo medo, é a vida de meninos que diariamente vivem se escondendo de seus inimigos e da polícia não podem marcar bobeira, que pagam muito caro por isso. Eles mudam seus hábitos e suas rotinas, para não serem pegos por seus inimigos, por exemplo: quase não ficam em suas casas, pois seriam alvos fáceis tanto para a polícia como para as outra facções.

Até para dormir têm restrições, pois sempre tem que estar em alerta na vigilância do morro e tem que avisar se algo de estranho está acontecendo, tem que dar o sinal para que seus comparsas possa enfrentar a invasão de maneira mais preparada.

Suas vidas se resumem a ficarem a maior parte do tempo em cima de uma laje, em constante monitoramento, pois tem que diferenciar o moradores dos turistas e dos invasores, por isso estrategicamente ficam em lugares bem altos, onde sua visão possa alcançar do começo da favela até vários pontos importantes, como a casa do chefe do tráfico por exemplo, eles tem que garantir a segurança da boca de fumo.

Eu durmo assim, em cima das laje mermo, fora de casa. Não tem como me esconder dentro de casa, porque, se eu dormir, eu não sei o que pode acontecer. Dormir nós nem dorme mesmo, porque eu fico até escaldado de dormir. Já nem durmo mais tranquilo, conforme dormia antigamente. Já não posso mais por causa de vários inimigo. Se eu dormir em casa, é capaz de uns polícia ir atrás de mim para querer me pegar, ou então, até meus inimigo mermo. Eu durmo como eu tô agora, em cima de lajes. É assim que eu vivo. (FALCÃO, 2006.p.81).

O tráfico é uma grande organização, onde seus agentes distribuem suas funções, criteriosamente cabendo a cada um, responsabilidade sobre um território e seu esquema de distribuição. E há também o apoio prestado pelos “chefões”, aos quais os moradores recorrem com suas queixas e geralmente encontram o apoio para solucioná-las.

Eles tornam-se os representantes legais da favela, ou seja, o ponto de referência daquele local, a favela acaba sendo protegida por eles que garantem a “paz” de alguma maneira e prestam até serviços sociais que nunca serão prestados pelos Poder Público naquela região, muitos moradores não pactuam com os crimes cometidos, mas acabam encontrando no apoio do tráfico uma maneira de sobreviver.

Houve um tempo em que os inimigos invadiam as favelas só com os comparsas. Atualmente, além de invadir e matar os rivais, trazem de suas favelas de origem centenas de famílias, expulsando as famílias locais – a ideia é se cercar de gente conhecida para ter o mesmo padrão de segurança que tinham antes. Isso faz com que o ódio entre os criminosos seja estendido aos moradores comuns. Vendo por esse lado, pior do que conviver com o crime é ter que se submeter a uma ocupação e a uma mudanças de facção. Daí, os moradores acabam vestindo a camisa da facção que administra sua comunidade e se tornando parte dela. Mas as coisas não pode continuar assim, o crime tem que fazer jus a seu nome, já que parece não ter fim. E essa falta de crença, no fim passa por um grande processo político, que deveria, entre outras coisas, proibir que os policiais recebam propinas, se tornem sócios em muitas ocasiões. Proibindo que os policiais vendam inimigos vivos de uma facção para outra quando são capturados. E mesmo impedir que a polícia entre nos morros e favelas junto com bandidos para expulsar a quadrilha local quando esses não querem mais arregar ou quando estão em dificuldades financeiras. Parece até filme, mas não é. O fato é que não dá mais para ficar desse jeito. (ATHAYDE, 2006, p. 122).

A falta de segurança faz com que os moradores acabem apoiando os criminosos da favela, para não terem que submeter as ordens de outra facção que invada e tome o poder local, ditando assim novas regras de convivência, as quais serão submetidos sem margem para negociação, por ser tratar de um novo comando.

A favela é um mercado que gera altos lucros, por isso há a disputa pelo seu controle, e em meio a “guerra”, os moradores muitas vezes acabam sendo vítimas fatais desse conflito, pelo simples fato de estarem no lugar errado e na hora errada.

As crianças envolvidas pelo tráfico, não estudam e sonham em ser bandidos, pois encontram nessa “profissão” a esperança de sustentarem suas famílias, muitos relatam que passam por muitas dificuldades e que geralmente moram só com as mães e irmãs, pois seus pais já morreram no crime, ou seja, precisam ajudar no sustento da família e essa forma fácil de se ganhar dinheiro acaba atraindo muitas crianças e jovens para suas “garras” avassaladoras que só permitem que esses saiam desse mundo dentro de um caixão.

E muitos acabam traficando para conseguirem ter um dinheiro para consumir drogas e assim vai crescendo cada vez mais esse círculo vicioso, crianças fazendo favores aos traficantes para receberem um pouco de droga para consumir, ou então começam a fazer os serviços a troco de dinheiro para comprar roupas, calcados e quando percebem já estão totalmente envolvidos.

Isso passa de geração em geração, os pais são envolvidos com o crime e acabam levando seus filhos para este mundo também, colocam as crianças para andarem juntos com os traficantes e para lhe prestarem favores, fazendo disso uma habitualidade.

Há a cada invasão da polícia ou de facção de outro local os fogueteiros avisam, como uma forma de alarme para que o “pessoal” da favela possa se preparar.

Pá, pá, pá!! Os fogos começaram a explodir, eram os fogueteiros da favela fazendo jus a seus salários, avisando que a polícia estava entrando. Esse aviso não é um código só para bandidos. É também uma conexão para todos os moradores. Uma forma de avisar que a bala vai comer. Assim, as crianças abandonam seus carrinhos na praça, os aposentados se desvencilham dos seus baralhos, as donas de casa largam seus fogões e se jogam no chão. Ou seja, cada um se vira como

pode. A explosão dos fogos na favela não é festa, significa terror, medo, morte, polícia, armas e correria. Quando os fogos estouram, as mães correm para as ruas, para os becos, em busca de seus filhos, se abraçam a eles e se abrigam a qualquer lugar, com a certeza de que pode não dar tempo de chegar em casa. Mesmo hoje, quando estou fora da favela e ouço fogos de artifício, institivamente penso em correr. É que meu cérebro está marcado, preparado para atender o sinal de perigo. O fogueteiro desapareceu na poeira e deixou somente o cheiro de pólvora no ar e os som dos fogos explodindo. (BILL, 2006, p. 147).

Cada um tem que encontrar o seu esconderijo, uma vez que o conflito armado será violento, dessa forma cada morador faz de becos e casas de conhecidos esconderijos para se abrigarem até o confronto acabar, há uma solidariedade entre os moradores que acabam acolhendo em suas casas quem está procurando um esconderijo em meio ao desespero.

A confusão é geral, crianças correndo, mães procurando os filhos, todos desesperados e em busca de alguma forma de proteção, muitas vezes o que resta é deitar no chão e pedir ajuda a Deus para que se possa sobreviver, em meio a essa “guerra”.

Porra, de quem é essa guerra? Nem sei o que dizer de quem é essa guerra. Eles tentam tomar o nosso ponto de venda. Eles crescem o olho na nossa venda, e a gente não pode deixar eles invadir a nossa área para arrumar o dinheiro que nós arruma. Isso vem vindo de geração. É o que eu falei, entra uns, entra outros. Tem uns que arruma problema, dá golpe, pode trair nós ou caguetar para a polícia. Ou para outro cara, que vem vindo de outras facção. Guerra é assim. Uma área que foi nossa dá golpe de estado. Daqui a pouco, eles dão um ataque na gente, a gente tem que se mandar daqui da nossa área por causa deles, depois de fazer de tudo para gente voltar para nossa área, expulsar eles. Os morador fica na deles, né? Não se mete com a gente. São tranquilo. Mas se outros traficante de área rival tentar invadir aqui, morador não fecha com eles. Morador fica com medo. Fica com medo, porque não tem nada a ver, pode pagar o preço só por morar na quebrada, por conhecer. Então o cara que vem de fora e vai invadir aqui não pensa assim. Não fortalece esses cara da boca. (FALCÃO, 2006, p. 159).

O cotidiano a favela não é fácil, os moradores vivem com medo e essa pressão é caracterizada nos seus olhares, pois estão sempre em alerta a qualquer sinal, a insegurança é constante porque são conscientes que a qualquer momento poderão enfrentar a invasão da polícia ou de outras facções, ou até mesmo, conflitos internos de quem ousou a desobedecer o comando do chefe local.

As crianças não tem um ensinamento diferente daquele do crime, essa dura realidade torna-se normal para eles, pois poucas chances terão de conhecer outra em suas vidas.

Eu sei o que é cultura. Sei melhor ainda, o que é violência. Mas sempre me perguntei que porra é essa de “cultura da violência”? Depois vi que essa triste brincadeira dos moleques amigos do Vampetinha, deu pra sacar que as crianças ricas vão ao teatro para ver o Sítio do Pica-Pau Amarelo e outras paradas educativas, enquanto as crianças da favela alimentam sua sede de cultura e diversão de personagens bem diferentes daqueles criados por Monteiro Lobato. Eles estavam brincando de boca de fumo, uma boca gigante. (ATHAYDE, 2006, p. 169).

A cultura da favela gira em torno da criminalidade, pois a maioria de seus moradores tem a violência e o crime como algo normal, presenciam o trabalho do tráfico e as punições de quem se envolve e descumpre suas regras como uma rotina, cultura essa de violência que é interpretada pelas crianças como parte de suas vidas o que faz com que represente isso em suas brincadeiras.

Jovens trabalham na “firma” do tráfico, como meio de sobrevivência, pois não conseguem um emprego digno na sociedade que cobra altos níveis de escolaridade, muitas vezes não é o que se queria, mas é o que lhes restam.

Pô, tô aqui porque a sociedade aí fora não dá nenhum meio de vida pra gente aí fora. Se a gente quer procurar um trabalho, é difícil. Até para procurar uma escola é difícil, a gente não tem escolha pra nada. Então, eu tô aí, mano, como você tá vendo, nesse ambiente aqui porque eu preciso, certo, ajudar dentro de casa, porque eu não quero ver minha coroa sofrendo. Então, pô, quer comprar gás, o gás já é trinta e poucos real, então o governo não dá meios de vida pra nós aí

fora. Então eu tô aqui pra tu ver, tem uns manos aí que trocam tiro com os home aí fora. A gente tá aqui só pra trabalhar. Aqui é trabalhador comum, é civil comum. Gente que luta para sobreviver de todas as formas. Pô, ser bandido pra mim é procurar conviver com todo mundo, agir da melhor forma, nós não podemos vacilar. Ser bandido pra nós é o que nós tamos fazendo aí, nós tamos correndo atrás do nosso ganha-pão aí, ajudando, fortalecendo nossa família, porque nós não podemos deixar nossos filho morrer de fome. Ser bandido pra mim é ser um homem sagaz, do jeito que nós é. (DE VERDE, 2006, p. 179/180).

Muitos jovens trabalham na endolação da droga, ou seja, ato em que se separa a droga em pequenos embrulhos ou saquinhos que serão repassados para os vapores que são os vendedores que as entregaram para os usuários, muitas vezes as pessoas que trabalham nesse setor nem consomem, mas estão lá por um emprego mesmo, um meio de se ganhar a vida.

Não. Não fumo, não cheiro e não bebo. Só bebo guaraná. Como tá vendo aí, um cara que nem era para estar aqui. Mas isso aí é que o governante quer, é o que o governador quer, é ver nós aqui mesmo. Porque ele não liga pra nada. Não dá nosso direito de defesa, não dá um emprego. Nossa coroa sai pra arrumar um trabalho e é humilhada. Nós temos que ter faculdade. Como é que vamos arrumar um trabalho então? Então, a gente é obrigado a recorrer, porque muitas vezes a gente não quer aí, ó. Mas aí, a gente tá nessa luta aqui. Se os home chega aqui, nós vai ser tratado como bandido. Se pá, mete bala em nós, mata geral, nem leva de dura. Se os cana chegar aqui não tem essa de trabalhador não, eu sou bandido. Na realidade, eu não sou bandido, mas se eles chegar aqui, eu sou. Pra eles, eu sou. Entram na favela como? Esculachando geral, morador, um montão de gente, dando tiro. Então se chegar aqui, eu sou bandido pra eles, vou em cana. (DE VERDE, 2006, p. 180/181).

Encontra-se nesses ambientes muitas pessoas que não são envolvidas com a criminalidade por inteiro, algumas apenas trabalham na produção das drogas, como um meio de se arrumar um “emprego”, pois não conseguem na formalidade, devido à grande discriminação que ocorre com os moradores da favela.

Às vezes até para procurar uma batalha, pra eu poder entrar no ônibus é difícil, que em certos lugares é difícil até do ônibus parar. Pensam que a gente vai roubar, pensam que a gente vai matar. E a realidade não é essa. Se a gente tá ali no ponto de ônibus, a gente é trabalhador, é estudante, a gente é alguma coisa querendo buscar uma vida melhor fora da favela. Pô, se a gente tá ali, é porque quer buscar um negócio fora da favela. Porque se a gente quiser ficar na favela é isso aqui (endolação). A gente vai ter que vim pra cá, procurar nosso dinheiro mesmo, eu não vou deixar meu filho morrer de fome não. (DE VERDE, 2006, p. 184/185).

O mercado de trabalho geralmente os repudiam, a concorrência é enorme, fazendo com que essas pessoas não consigam adentrar a formalidade. Muitas vezes pelo simples fato de morar em uma favela, as portas lhes são fechadas, não chegam a nem ter seus currículos analisados.

Moradores com baixos níveis de escolaridade recorrem ao tráfico e isso passa de geração em geração, fortalecendo cada vez mais esse mercado de crimes, pois a cada mais pessoas passam a depender dele.

Pô, cara, tô nessa aí porque esse aqui é o único meio mesmo de nós levar a vida. Como o amigo disse aí, tá ligado, pô, nós tem pouco estudo, se pá, tem até uns amigo que não estudou, então pra nós trabalhar é foda, tu tá ligado que eles discrimina nós à vera mesma. Então nosso único recurso é recorrer à boca de fumo, tá ligado, pra gente sobreviver, sustentar nossa família. Isso daí é nosso único objetivo, sair dessa vida. Mas como? A sociedade não dá oportunidade pra nós, pô, nós temos que viver nessa aí mesmo, de drogas, tráfico. Porra, se um dia eles derem oportunidade, eu pretendo sair dessa, mas, por enquanto, minha vida é essa daí mesmo. Daqui eu não saio, daqui vem nossa sobrevivência, tá ligado, mano? Nós tamos aqui só pra endolar. Daqui a droga tem outro destino, tá ligado? Daqui ela já vai para a mão do vapor, de outros amigos lá que vão ver tudo, tá ligado? Até acabar o que tá na pista, né, nós tem que ser acionado de novo para fazer o que nós tá fazendo, que a nossa parte é essa. Daqui o bagulho já vai pras mãos de outros amigos. Não tem nada a ver com nós. (DE BRANCO, 2006, p. 181).

Começam a fazer disso um meio de sobrevivência e na maioria das vezes não saíram desta realidade e acabam cometendo crimes até que sejam mortos pela polícia ou por seus rivais. Muitos começam ater contato com a criminalidade quando crianças, e vão crescendo nesse meio que se tornar algo normal e têm no tráfico uma condição de vida normal para eles.

Ah, vi meu coroa endolar, meu coroa era bandido. Minha vida toda eu fui vagabundo. Já vivia no morro no meio de vagabundo. Estudei bastante, fui guardião de piscina, estoquista, sou cozinheiro. Naquele tempo a gente arrumava uma batalha, depois saía. Minha vida toda foi só crime, cadeia pra caramba. Só na cadeia eu já tirei doze anos. Em cinco anos que eu já saí da cadeia. Um polícia que uma vez me prendeu, eu tinha rodado com umas carga, ele falou pra mim, porra, Betinho, tô cansado de te prender, da próxima vez eu vou ter que te matar, eu não quero te matar, e você não é mais útil na boca; olha, eu tenho um sobrinho que trabalha no sinal vendendo bala, aí porra, você podia arrumar uma bala e vender, sai dessa do crime que você não vai arrumar nada, você não pode correr, não pode trocar mais com ninguém. Aí foi que eu cai na real. Porque eu era neurótico, bandido, andava de peça, revólver, ficava fazendo segurança de vagabundo. Aí foi que arrumei uma batalha. A primeira vez que fui pro sinal foi a maior vergonha. Cheio de prata, arrumadão, fui de táxi, cheio de prata. Aí o dinheiro começou a cair, aí eu cai na real. Até hoje, graças a Deus, dá pra sobreviver, comprei minha casa. Pra não voltar pro crime. Pô até tirei o maior cadeião. Fui em cana a primeira vez, fiquei seis anos e dois meses, voltei, fiquei um ano e meio na rua e voltei de novo, na cadeira de rodas. Saiu em tudo quanto é jornal, porque os home aumenta. Às vezes você não é nada, os home aumenta que tu é Beto da Cadeira, traficante da Cidade de Deus. Eu passava um dobrado pra poder arrumar um dinheiro. (BETINHO, 2006, p. 218).

As pessoas que se envolvem com a criminalidade geralmente acabam morrendo cedo, ou seja, suas expectativas de vidas, são poucas, pois sabem do risco que irão correr. Envolvem-se por uma questão de sobrevivência, mais muitas vezes tem suas vidas foiçadas e acabam indo para a prisão ou até mesmo para o cemitério. Não se ouve falar que um traficante se aposentou e sim que morreu, foi preso ou acabou ficando deficiente devido a uma bala perdida nos confrontos.

Agora pergunta-se o que tem essas pessoas para esperar do futuro? Uma vez que portas são fechadas pelo simples fato de morarem em uma favela, dignidade que lhe é tirada ao procurar um emprego ou um estudo. Fato este que a cada dia a segregação aumenta criando percalços para os moradores.

Contudo, este estudo revela o contra senso do que é previsto pela constituição como garantia dos direitos fundamentais. Ele aponta para o fato do Estado conferir às estas pessoas do grupo “perigoso” uma política social assistencialista que mascara as reais condições de vida e mostra um sentimento de solidariedade e messianismo social, mas que, na verdade, apenas enfatiza sua condição de objeto e não de sujeitos de direitos sociais. (FARIA, 2009, p. 13).

Outra aliada que se tem para o tráfico é a corrupção de agentes públicos que acabam colaborando para o esquema tornando assim o seu combate cada vez mais difícil, pois não adianta somente prender os pequenos infratores, mas sim o certo seria chegar nos intocáveis chefões que bancam todo o sistema.

O alto índice de pobreza que presenciamos atualmente, mostra que diante das dificuldades as pessoas começam a ser corromper para alcançar melhores condições de vida, condições essas que dificilmente seriam alcançadas pelo mercado formal de trabalho, que a cada dia torna-se mais competitivo e com poucas chances para quem possui um grau de instrução baixo.

A violência gera altos índices, uma vez que crimes cruéis são praticados por meio das drogas ou em um busca delas, assaltos são cometidos para se conseguir dinheiro para um baseado, pessoas no efeito das substâncias entorpecentes, praticam crimes e não se incomodam de utilizar a crueldade e muita vez acabam com a vida da vítima a troco de nada ou simplesmente de uma pequena quantia que já basta para uma porção.

A muito tempo organizações foram criadas para dominar o mercado de drogas no Brasil, exemplo disso temos duas famosas que é o CV- Comando Vermelho que instalou-se no Estado do Rio de Janeiro e o PCC – Primeiro Comando da Capital, atuante no Estado de São Paulo.

A organização de grupos criminosos dentro das cadeias do Rio de Janeiro, visando atuar em uma nova modalidade criminosa, o tráfico de drogas ilícitas, é um marco para a inserção do Comando Vermelho (CV) no mercado varejista das drogas ilícitas. É a partir daí que temos a escala de violência armada. O Comando Vermelho nasceu na prisão e lá continua seu poder até hoje. No fim dos anos 70, os membros do Comando Vermelho começaram a organizar as atividades criminais (principalmente assaltos a banco e sequestros) no Rio de Janeiro, comprando em seguida, sua liberdade com ganhos ilícitos cuidadosamente introduzidos nas prisões. Isso coincidiu com a chegada da cocaína, trazida da Bolívia, do Peru e da Colômbia ao Rio de Janeiro para exportação aos países ocidentais e para consumo local. Assaltantes de bancos liberados, vinculados ao Comando Vermelho, perceberam os grandes lucros que podiam ser auferidos com a venda de cocaína. Assim, realizaram alguns assaltos a bancos e sequestros para financiar um movimento organizado rumo ao negócio do varejo de drogas. (AMORIM apud PEREIRA, 2014, s/p).

Essa organização passou a ganhar novos membros atraídos pelo “status” de ser um membro dela, pois facilidades eram encontradas e as pessoas temiam ter contato com integrantes dessas facções e muito se tirava proveito até mesmo dentro das cadeias, pelo simples fato de a ela pertencer.

Regalias eram dadas, mercadorias fornecidas e os integrantes tinham melhores condições de vida lá dentro, pois quem os ajudassem teria um retorno garantido, isso foi fazendo com que cada vez mais pessoas quisessem entrar para essas facções e esse fenômeno fortaleceu mais essa “instituição” organizada para fins de cometer crimes e o tráfico ilícito de drogas.

O tráfico de entorpecentes têm se revelado como um negócio muito lucrativo e cresceu de forma generalizada, com certeza tal crescimento e o sucesso dos lucros obtidos com o mesmo se deve a forma organizada com que os traficantes gerenciam não apenas o tráfico, mas todo o procedimento necessário para transformar este comércio ilegal em um negócio praticamente imbatível, a audácia destes indivíduos em copiar os princípios básicos da administração permitiu que os “donos” do tráfico ilegal de drogas se tornassem verdadeiros empresários do mundo do crime. Resta claro que os traficantes, no entanto, não comercializam apenas drogas e diferenciam cada vez mais suas atividades, utilizando serviços como o gatonet (TV a cabo clandestina) e distribuição de gás, além de abrir empresas. A organização, no entanto, ainda é muito elementar. Uma amostra disso são as anotações sobre o movimento financeiro, que normalmente são feitas à mão em cadernos ou blocos. Sem falar no fato de enterrarem parte do dinheiro. Na constituição hierárquica das organizações criminosas há a cooperação de 14 diferentes agentes, dos quais oito têm ação direta, três têm cargos auxiliares e outros três são peças importantes, mas não encontradas em todas as favelas. (CARVALHO, SILVA, 2013, s/p).

Esse poder paralelo foi tomando conta das comunidades e atraindo diariamente mais integrantes, tornando assim uma organização disciplinada para atender as necessidades dos moradores da favela, bem como o fornecimento de serviços que seria um encargo do Poder Público oferecer, mas que não chega a essas localidades.

A estrutura foi crescendo e com isso tornando poderosa e submetendo os moradores aos seus comandos, ficando assim difícil para o Ente Estatal adentrar essas áreas para retomar o poder para suas mãos.

Os moradores das favelas se submetem ao poder do tráfico, pois quem ousa desobedecer suas ordens é julgado e sentenciado sumariamente, sofrendo penas extremamente cruéis e na maioria das vezes acabam pagando com a própria vida, como uma forma de represália e de exemplo para os outros.

O tráfico de drogas possui normas de condutas que são respeitadas como leis, que visam garantir o controle e poder sobre seus integrantes e sobre a comunidade a qual pertence o grupo de traficantes. Estas leis, sem nenhum respaldo do Poder Judiciário, são rigorosamente respeitadas e obedecidas por todos a elas submetidas. O conformismo a elas e aceitação como necessárias e às vezes, por serem consideradas naturais, fazem com que seguidas subservientemente, sem o questionamento de sua legalidade, mas pela imposição dos traficantes. A necessidade de lealdade para com estes ocasiona em troca inúmeros favores, sendo a segurança e proteção uma das principais garantias dadas as condições violentas da comunidade onde vivem, numa situação denominada como “reciprocidade forçada”. As facções de drogas desenvolveram um sistema de “reciprocidade forçada” para servir às suas necessidades de defesa e às necessidades de “lei” e “ordem” da comunidade. A “reciprocidade forçada” é aplicada através de tática dupla: de apoio mútuo e de um sistema de violência punitiva em caso de desobediência. As facções são aceitas pela comunidade como uma força sociopolítica legítima em razão do medo e da falta de alternativas sérias. Não é a total ausência do poder público que capacita as facções a continuarem a dominar as favelas, mas sim a incapacidade do estado de cumprir sua parte do contrato social. (DOWDNEY apud FARIA, 2009, p. 216).

Nota-se aí, a submissão dos moradores como um meio de proteção, pois se sentem seguros pelo poder dos chefes dos morros, uma vez que o Estado não consegue cumprir o seu papel em vários aspectos, principalmente no tocante a segurança pública.

O controle das comunidades é um modo de assegurar-se uma base defensável de venda da droga no varejo para alcançar esse objetivo de lucro. Esse controle não resultou da capacidade das facções de suplantar o estado do ponto de vista político, social ou militar. Elas apenas ocuparam

um espaço que o poder público não conseguiu ocupar. Por essas razões, as facções da droga não podem ser vistas como um estado ou poder paralelo, que seja alguma ameaça à manutenção do governou do estado. Como o controle que exercem se deve à incapacidade do governo de estar plenamente presente na favela, as facções devem ser vistas como “poder simultâneo” em relação ao controle sociopolítico das populações faveladas, mais do que como “poder paralelo” em oposição ao estado. (DOWDNEY apud FARIA, 2009, p. 218/219).

Por outro lado, há também o sentimento de gratidão, para com o chefe do morro, uma vez que ao pedirem ajuda para medicamentos, alimentos e outras necessidades, é dada uma assistência por ele e até mesmo na questão da segurança pública nas comunidades, onde dificilmente a polícia adentraria, ou seja, o tráfico torna-se um mal necessário.

Através do pacto da “reciprocidade forçada”, as leis previstas pelo Código Penal Brasileiro são consideradas apenas como algo a serem dribladas, estrategicamente, com ações de proteção aos infratores para que não sejam cumpridas. A proteção dada a eles vai desde o silêncio da comunidade, que não denuncia as atividades ilícitas e nem quem as pratica, o auxílio à camuflagem das ações ilícitas até mesmo a ajuda em caso de perigo de prisão como oferecimento de esconderijos pessoais, de armas e dos produtos produzidos e vendidos pelos traficantes. Por outro lado, pudemos constatar o uso desta lei nos momentos em que se revela conveniente para os traficantes em situações tais como: uso de crianças para despistar as batidas policiais, escondendo armas para os traficantes ou drogas e na manipulação das evidências de crime, uma vez que, as leis penais para infratores menores são menos rígidas. As leis do código penal apenas representam uma ameaça a ser evitada caso haja uma denúncia, por um alcaguete, quem sabe, ou uma “batida” policial. Mesmo nestes dois casos, regras de controle, vigilância e conduta são estruturadas de modo que, quem desobedecer, terá a punição definida pelas leis do tráfico. (DOWDNEY apud FARIA, 2009, p. 219/220).

O envolvimento de crianças nesta relação torna o esquema cada vez mais forte, pois a forma de driblar sempre é vantajosa, pois as autoridades policiais não irão revistar crianças em uma batida, fazendo com que armas e drogas circulem livremente pela favela.

A exposição em que se colocam essas crianças nos alerta para a precariedade de condições social a qual são submetidas que acabam entrando para esse mundo, por conviverem diariamente com traficantes, armas e drogas, tornando assim algo normal.

O emprego desmedido da violência é o resultado da liderança do tráfico e, consequentemente, dos morros estarem nas mãos de traficantes cada vez mais jovens. Esses jovens estão ficando cada vez mais violentos, pois ao conviverem com a violência desde pequenos, a encaram como natural. Para esses jovens, ser violento, é sinônimo de ser respeitado, e é realmente isso o que almejam ao entrarem para a criminalidade. (MADRID, 2004, p. 60).

A busca pelo respeito e da liderança faz com que jovens não meçam esforços para praticarem atos totalmente bárbaros, para adquirirem a “fama” de violentos e quem paga isso é a sociedade que é submetida as mais diversas formas de delitos extremamente cruéis.

* 1. **O TRÁFICO DE DROGAS E SUA RELAÇÃO COM O CRIME ORGANIZADO.**

Convém destacar que o Crime Organizado no Brasil começou a surgir na década de setenta, onde presos políticos e terroristas eram colocados nas mesmas celas de prisioneiros comuns, e ensinavam a este todo o esquema de uma organização, desde a linguagem para que a polícia não entendesse o que estavam dizendo, até mesmo a aliciar funcionários dos presídios para a facilitar suas vidas lá dentro.

A abertura da economia brasileira e a globalização, facilitaram o contrabando de armas, drogas e a movimentação de recursos financeiros. Com a crescente estrutura e a auferição de dinheiro fácil, através de meios ilícitos, criou-se um exército próprio, com armamentos pesados, que acabam contando com o apoio da própria comunidade local, que esquecida e ignorada pelo governo, acaba por auxiliar na produção e no crescimento do crime organizado. (MADRID, 2004, p. 20).

O Brasil desde já apresentava várias características de que o Crime Organizado começava a se implantar no país, pois já se noticiava delitos como roubos de cargas, o jogo do bicho crescia de uma forma desenfreada e o tráfico de drogas já despontava.

Desde os primórdios da civilização, com a crescente expansão territorial e a corrida pela colonização, é marcante o venerado “culto ao poder”, o mais forte impondo a sua vontade e força ao mais fraco, e fazendo prevalecer a sua cultura perante um determinado povo, diga-se vencido. Dentro dessa realidade, pode-se observar que o homem sempre conviveu com diversos fatos delituosos, portanto o crime não é um fator recente, ele sempre existiu, sendo imprescindível o direito para regular essas práticas criminosas. A violência sempre existiu em qualquer grupo social. O primeiro crime de um ser humano contra o outro consta na Bíblia em que Caim assassinou seu irmão Abel por ciúmes. O problema da violência se encontra na sociedade com o próprio surgimento do ser humano. O legado “onde há sociedade há direito”, ou ainda, “onde há direito há sociedade”, confirma essa premissa de que com o aglomerado de pessoas passando a conviverem em um determinado espaço, fez com que surgissem conflitos de interesses, ocasionando, na maioria das vezes, na realização de crimes. Dessa forma, pode-se dizer que “onde há sociedade há crime”, sendo necessária a existência do direito para regular tais condutas, pois caso contrário, a convivência em sociedade tornar-se-ia impossível. (MADRID, 2004, p. 21).

A globalização é uma forte aliada para o crescimento do Crime Organizado, pois as tecnologias são usadas de forma abrangente pelas facções. Destaca-se desde o uso de celulares e computadores para gerenciar os crimes, portanto, com essas ferramentas nas mãos fica mais fácil para os criminosos atuarem até mesmo passando o comando de dentro dos presídios.

A globalização e o crime organizado possuem uma característica em comum: estão a cada dia se desenvolvendo ainda mais, sempre relacionados com as tendências do mercado. O dinheiro auferido com facilidade através do crime organizado, beneficiado pela abertura da economia brasileira e a globalização, auxiliou na formação de um exército, que possui armas mais poderosas do que a própria polícia. Estima-se que esse exército seja constituído por mais de dez mil pessoas, dentre elas crianças e adolescentes. (MADRID, 2004, p. 40).

O Tráfico de drogas ilícitas possui uma relação estreita com o crime organizado, uma vez que um acaba financiando o outro.

Nos dias atuais é difícil falar no crescimento cada vez maior da criminalidade sem falar no tráfico de drogas, uma vez que este último é um dos grandes responsáveis pelo crescimento da violência e pela falta de segurança com que tem sofrido a sociedade. A maioria dos crimes que hoje assolam não apenas as grandes cidades, mas que infelizmente têm chegado às cidades do interior se deve ao tráfico das mesmas já que este favorece o aumento de indivíduos dependentes destas substâncias, que para manterem o vício ingressam no mundo do crime na maioria das vezes trabalhando para os próprios traficantes e outras vezes se valendo de assaltos e roubos seguidos de morte para conseguirem a quantia necessária para suprir a necessidade momentânea causada pelo vício. (CARVALHO, SILVA, 2013, s/p).

A forte ligação com o crime organizado faz que a violência cotidiana se torne mais grave, uma vez que usuários passarão a cometer crimes para arcarem com o custo do seu vício. O aumento de grandes delitos como roubo, latrocínio e vários crimes ligados ao patrimônio crescem em escala avassaladora principalmente nos grandes centros e se alastrando até mesmo as cidades do interior.

É possível assim perceber que o Crime Organizado faz com que surja uma “nova ordem”, dento da já estabelecida e promulgada pela Constituição da República Federativa do Brasil, que é o conhecido “Estado Paralelo”. Dessa forma é possível afirmar que: “NÃO HÁ ESTADO PARALELO SEM O CRIME ORGANIZADO”, pois uma espécie está atrelada a outra e, portanto, a desestruturação de uma, implica consequentemente na do outro. (MADRID, 2004, p. 17).

Esta dependência causa várias consequências graves, pois encontramos pessoas na maioria jovens e adolescentes, até mesmo crianças envolvidas com essas substâncias, isso faz com que a sociedade fique desamparada, sem perspectivas futuras, pois a sua juventude se entrega a esse mal, as drogas chegam em vários lares e contaminam famílias inteiras que travam uma luta diária para se livrarem desse vício que assombra a todos. Diante de tal realidade a sociedade fica fragilizada e sem esperança nesses jovens que representam o futuro de nossa nação e que acompanhamos a perda de sua força perante tal substância.

O tráfico de drogas se revelou como uma questão bastante complexa, isso não penas pelos motivos citados anteriormente, mas também pela grande dificuldade encontrada para combater tal crime uma vez que o mesmo têm se amoldado de forma a estabelecer uma organização que chega a surpreender as autoridades competentes pelas características que apresenta, há de se ressaltar ainda que como o tráfico é uma atividade econômica ilegal que não tem controle institucional, o que tornou extremamente lucrativo para determinadas personalidades que se encontram posicionadas de modo estratégico em suas redes de negócios que passam por regiões fronteiriças entre os estados brasileiros e outros países do mundo. Com a prática do referido crime se amoldou de forma a estabelecer uma organização com características de hierarquização, ilicitude, divisão de trabalho, clandestinidade, planejamento de lucros, violência e intimidação, tais delitos crescem e se desenvolvem a cada dia se tornando um grande negócio ao arbítrio da falta de capacidade e em alguns casos de vontade das autoridades em erradicar este problema, já em algumas hipóteses as autoridades que deveriam combater as atividades dessas facções criminosas se aliam ao crime fortalecendo ainda mais esta organização, em decorrência desses fatos à sociedade tem sido vítima de toda a sorte de crimes violentos praticados em decorrência do tráfico de entorpecentes. (CARVALHO, SILVA, 2013, s/p).

Com a colaboração de agentes públicos que deviam combater tal delito, os traficantes ganham mais força, pois sabem que com essa ajuda estão com o caminho livre para fazer seus “trabalhos”, ou seja, a distribuição não encontrará empecilhos, atraindo assim cada vez mais pessoas que buscam ganhar dinheiro de uma maneira fácil.

Tão antiga como o tráfico de drogas são as organizações criminosas, que desde os tempos mais remotos já existiam e exerciam as atividades econômicas ilegais, que são abundantes e por não existir uma gestão institucional possuem certa tendência a se apresentarem mais lucrativas para determinados indivíduos posicionados de forma ardilosa na trama de contatos que ultrapassam as divisas entre os Estados e o restante do mundo. É sabido que as organizações criminosas que se compõem em bandos pelo país, com conexões internacionais, que se organizam com normas próprias, até conselhos próprios e com julgamentos próprio, e que acabam por se introduzir na aparelhagem estatal, que para investir o produto do crime quer para se fortalecer obtendo o apoio do Estado, através da corrupção, da propina e do suborno, utilizando das correlações negócio-política, de maneira deturpada, na aquisição de vantagem de todos os tipos. (CARVALHO, SILVA, 2013, s/p).

Com isso percebe-se que o combate a esse mal que ataca a sociedade fica mais difícil por conta de toda a sua estrutura e os meios de combate acabam se tornando ineficaz devido a sua amplitude.

Deste modo chegamos à conclusão que o tráfico de drogas preenche os requisitos intrínsecos dos crimes denominados como crime organizado. De acordo com o exposto seria correto falar que o tráfico de drogas nada mais é do que uma modalidade de crime organizado. Seria correto ainda afirmar que o primeiro sustenta o segundo, ou seja, é uma das formas de sustento das facções criminosas, já que o crime organizado é sustentado também pelos jogos de azar, a corrupção

pública e privada e a compra de proteção, além do tráfico de drogas já mencionado que é sem sombra de dúvidas a maior fonte de lucro do crime organizado. Nos dias atuais o tráfico de drogas como modalidade do que se chama hoje de crime organizado tem se destacado de forma assustadora pelos males acarretados a sociedade como um todo, há de se ressaltar ainda que o tráfico dessas substância somada a superlotação das prisões brasileiras tem funcionando de forma a facilitar ainda mais a expansão do crime organizado já que sabemos que grande parte da administração dessas facções criminosas ocorrem de dentro das prisões, onde prisioneiros recebem regalias como aparelho celular fato este que por si só comprova que há pessoas de todos os níveis sociais envolvidas com o crime organizado e também com o tráfico de drogas. (CARVALHO, SILVA, 2013, s/p).

Contudo que foi exposto acima, nota-se que o tráfico de drogas é um financiador do crime organizado, que passa a ter mais força dentro das organizações criminosas, fazendo com que esse seja um meio de se ganhar dinheiro para a facção. Facções são criadas pela renda obtida por esses meios e os crimes cometidos pelos seus membros passam a ser cada vez mais violentos, e estes começam a crescer de forma descontrolada, uma vez que a sociedade fica de mãos atadas diante de tal violência e o Poder Público caminha em passos lentos para combater este mal.

A população percebe que os problemas não estão mais somente na periferias dos grandes centros e aglomerados urbanos, o consumo de drogas alastra-se para todos os lados, e os traficantes começam a fornecer drogas nos mais diversos pontos da cidade, isso faz com que todos fiquem envolvidos, uma vez que cada vez mais usuários de classe alta entram para esse mundo.

Com a saída do consumo dos grupos marginalizados e dos guetos e sua ampliação para a sociedade em geral, atingindo os jovens brancos de classe média, a questão das drogas começa a ganhar amplitude. A mudança dos protagonistas, sobretudo o uso coletivizado da maconha associado aos movimentos contraculturais (movimentos hippies, Woodstock, etc.) que se opunham ao sistema americano, coloca as drogas como problema nacional. Ao mesmo tempo, será justamente a ampliação do consumo que fará emergir a necessidade de uma nova moldagem na qual se possa enquadrar este consumidor de classe média. Se até a década de 50 prevalece o estereótipo moral, a década de 60 marca um duplo discurso em relação às drogas: a difusão do modelo médico-sanitário, onde o consumidor translada do papel de delinquente para o de doente. Assim, à afirmação do estereótipo moral que criminaliza os empobrecidos (de frágil cidadania e poucos recursos jurídicos) de fácil identificação, se agrega e fortalece o estereótipo da dependência, aplicável no caso do jovem branco de classe média. Esta distinção não repercute, contudo, da mesma forma nos países dependentes, que não possuem a estrutura de serviços de tratamento, o que acaba por significar na prática que esta diferença entre o consumidor e o traficante ou entre o doente e o delinquente acaba por tornar ainda mais arbitrárias as medidas do sistema. (PIMENTEL,2007, p. 40).

O crime organizado como grande aliado do tráfico faz com que o número de pessoas que “trabalham” para esse negócio se multiplique, atingindo até mesmo as penitenciárias, onde vários integrantes se encontram e começam a esquematizar o grande sistema.

O crime organizado dentro das penitenciárias é gigantesco, pois agentes são corrompidos e proporcionam uma melhor qualidade de vida para detentos que de dentro dos presídios controlam o tráfico aqui fora, pois eles tem todo o tempo do mundo para articularem seus objetivos e atraírem o maior número de adeptos para a facção, fazendo com isso que tal criminalidade tenha seu crescimento acelerado.

Na luta contra o Crime organizado e contra o tráfico de drogas, na teoria muito se tem feito, mas na prática a luta é muito difícil e ambos continuam a crescer de forma assustadora. O povo e os poderes executivo, legislativo e judiciário se encontram de mãos atadas, e totalmente a mercê dos crimes cometidos por tais organizações. Isto pode ser observado pelo crescimento do crime organizado dentro das penitenciárias, pois os presos possuem mais tempo e disponibilidade para se organizarem e continuarem com suas políticas de crescimento do crime organizado sem falar que estão em maior número do que as autoridades que estão na luta para combater este mal. (CARVALHO, SILVA, 2013, s/p).

Os encarcerados na maioria das vezes já pertencem as facções antes mesmo de serem presos, e lá de dentro só continuam o “trabalho” que faziam aqui fora, pois já estão acostumados com a falecia do Estado em relação à Segurança Pública e sabem que o problema está longe de ser resolvido e por isso praticam tais crimes de dentro dos presídios, amparados pelo sistema Estatal.

Como eles têm má-índole e a maioria é formada por condenados, vivendo numa situação quase patológica, eles se organizam para continuar praticando crimes, fazendo uma falas proteção de familiares de presidiários, no ambiente da proteção de gangues, como o Primeiro Comando da Capital, o PCC, que virou até grife. Esse tipo de crime repercute e incomoda, mas não é ele que debilita o Estado. O que nos enfraquece são fatores como a corrupção, a sonegação de impostos, o desvio de verbas públicas, a lavagem de dinheiro, porque o Estado fica sem recursos para resolver todos os problemas. (SANTOS, apud CARVALHO, SILVA, 2013, s/p).

Crítica é a situação do Poder Público que têm um enorme problema nas mãos para resolver, sem saber onde seus agentes estão colaborando de forma para ajudar a população ou estão pactuando com esses criminosos que através do suborno buscam comprar a tudo e a todos.

Nota-se nas penitenciárias femininas há um grande envolvimento de mulheres com o crime de tráfico de drogas ou então que cometeram outros crimes sob o seu efeito.

A respeito do delito praticado, 62,4% das presas estavam envolvidas com o tráfico de drogas. Segundo os relatos, houve diferentes tipos de participações, desde o envolvimento direto com a venda de entorpecentes e carregamento de drogas no sistema prisional para ajudar seu companheiro ou familiar que se encontravam presos, até participações indiretas, como o conhecimento e conivência de familiares que fazem, de sua residência, local para guardar ou vender drogas. Dessa forma, quando a participante nega o delito, menciona geralmente autoria aos filhos ou companheiros; quando assumem a participação no delito, associam-no ao sustento econômico ou como mantenedor do uso de drogas. Com relação a frequência dos delitos pelos quais as participantes estão respondendo, constata-se que mais da metade da amostra responde por tráfico de drogas (62,4%), seguido de roubo (12,5%), homicídio (11,1%), furto (8,7%), latrocínio (1,4%), Estelionato (1%), e outros (2,85%), que corresponde estupro, formação de quadrilha, corrupção de menores. Com relação ao contato das participantes com o ambiente prisional, os resultados mostram que 66,9% das reclusas têm ou já tiveram um ou mais familiares presos, incluindo o companheiro. Além disso, 61,6% das presas já visitaram alguém na prisão ou seja, a maioria das mulheres já tinham contato com este ambiente antes do aprisionamento. (ARGIMON; LOPES; MELO, 2010, p. 124).

O papel da mulher nesse delito começou a crescer muito, pois a maioria tem seus companheiros e filhos envolvidos nesse mundo e acabam entrando para ele, através de suas referências familiares, até mesmo ao visitar alguém nos presídios começam a se arriscar para levar a substância para o encarcerado.

A mídia divulga atualmente vários casos de mulheres se envolvendo com drogas e principalmente com o tráfico, pois muitas assumem o lugar do companheiro na boca, quando este é preso e passam a chefiar o “negócio”, ou até mesmo para sustentar seus vícios como uma forma de subsídio para poderem consumir.

Do total das presas, 54,4% das presas admitiram usar ou já usaram drogas. Com relação aos motivos que fizeram as presas iniciar o uso, 24,7% delas mencionam que foi por curiosidade, 12,9% por pressão ou influências de outras pessoas e 6,3% alegam que foi por problemas pessoais. As que mais causaram problemas foram: o crack (22%), a cocaína (12,2%) e a maconha (11,5%). Das presas, 38,3% preencheram os critérios diagnósticos para dependência de drogas. Com relação às substâncias lícitas, mais da metade da amostra usa álcool (53,7%). Os resultados apontam, ainda, no momento da pesquisa, uma alta prevalência de abstinência, representada por 44,9% da amostra total. Ou seja, 94,9% das mulheres que têm história de uso de drogas, no momento estão em abstinência. (ARGIMON; LOPES; MELO, 2010, p. 124/125).

A exposição ao meio criminoso diariamente, faz com que várias pessoas acabem entrando para esse mundo, por julgar algo normal em sua vida, que senão fosse esta que outra opção teriam, e outras acabam se acostumando com a facilidade de se ganhar dinheiro, pois conquistar algo na formalidade exige dedicação e esforço. Requisitos estes que muitos preferem não alcançar devido a facilidade do mundo do crime.

Facilidade essa em ganhar dinheiro, pois os mesmos são submetidos a regras rigorosas que se deixarem de seguir exatamente como se manda acabam passando por penas cruéis e até mesmo sendo executados sumariamente, sem nenhum tipo de defesa.

Assim, o tráfico de drogas, apesar de sua ilegalidade se torna uma “opção” entre poucas alternativas uma vez que suas possibilidades de escolhas vão se restringindo à medida que o indivíduo não é preparado para o mercado de trabalho legal, cada vez mais competitivo e excludente e, desde cedo, participa de uma sociabilidade que idolatra, teme e protege o traficante de droga. É exposto a um meio social que aspira ao sucesso financeiro e consumismo que ele representa e, assim, admira aqueles que conseguem atingi-lo, mesmo que de forma ilegal. Sem fazer frente às exigências do mercado neoliberal, e, assim sem condições de galgar o sucesso por ele determinado, vislumbram, nas atividades ilícitas do tráfico de drogas, uma alternativa de driblar o sistema excludente e, ao mesmo tempo, nele ser incluído mesmo que marginalmente. (FARIA, 2009, p. 13/14).

Os moradores das favelas tem o tráfico como uma opção de se atingir um “status” e também veem nele um meio de proteção, pois o chefe é considerado protetor do local e muitas das vezes acabam proporcionando a todos da localidade uma segurança maior do que a oferecida pelo Estado.

Diante disso, os moradores mesmo que não envolvidos a este meio da traficância, começam a respeitar o chefe do morro por questão de segurança, pois sabem que a maneira mais segura de se manterem, pois sabem de maneira clara que é melhor não se opor ao comando do tráfico.

Desta forma, o tráfico de drogas estabelece relações sociais fortemente estruturadas dentro, não só do grupo de traficantes da mesma facção, mas em toda comunidade a qual pertence o traficante. Esta comunidade lhe confere um reconhecimento, além de “volátil”, também perverso, pois o traficante é visto, por um lado, como poderoso, protetor, e provedor de toda uma comunidade, e por outro como o detentor do direito de punir, até mesmo com a morte, sendo legitimado e respeitado como aquele que comanda, estabelece regras de convivência entre todos os que estão sob sua proteção. (FARIA, 2009, p. 16).

Há a necessidade de uma reestruturação por parte do Poder Público em promover a ressocialização dessas pessoas envolvidas na criminalidade, uma vez que a população é atingida por atos destes que diariamente disseminam violência.

A política neoliberal, segundo um modelo ultraconservador de controle social, elabora um discurso de “combate à delinquência” que torna menos humanos os delinquentes. Este processo de “desumanização” segue o efetivo abandono progressivo das concepções de “correção”, tratamento, reabilitação e ressocialização que tinha como efeito retórico a intenção de inclusão social, de “salvar o humano” em cada um dos desviados ou delinquentes, para adestrá-los, discipliná-los e integrá-los de forma produtiva à parte saudável da sociedade. A atual estratégia de desqualificação humana e incapacitação torna os desviantes e delinquentes incapazes de recuperação, pois são inadaptados e imprestáveis para um modelo socioeconômico de alta competitividade, onde não há lugar para os excluídos, inadaptados, “perdedores”, “incapazes”. (DORNELLES apud FARIA, 2009, p. 162).

Contudo o que foi exposto, verifica-se que caminhamos a passos lentos no combate a drogas que atinge violentamente a várias famílias fazendo da sociedade refém da falência do Poder Público que abriu uma “brecha” para as organizações criminosas se estruturarem e disseminarem a sua imposição de violência a todos os brasileiros.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse trabalho pode-se concluir que no mundo contemporâneo presenciamos a influência do tráfico nas mais diversas camadas da sociedade e nota-se também uma expansão global do assunto que atinge a outros países. Com isso a Segurança Pública é exposta a mais alta fragilidade, onde o Poder Público começa a perder espaço para um Poder Paralelo.

Poder esse que é exercido dentro das áreas das favelas e ao qual são submetidos todos os moradores que encontram no tráfico uma maneira de se obter uma segurança e garantirem sua sobrevivência, pois muitas vezes são amparados pelo chefe, quando necessitam de alimentos, gás de cozinha, remédios, etc.

Nota-se que o tráfico tornou-se um mal necessário, uma vez que moradores das favelas com baixos níveis de escolaridade entram nele como uma maneira de ganharem dinheiro, sendo que na formalidade não conseguem atingir seus objetivos, porque são discriminados e ao procurarem um emprego, não podem falar que são moradores de favela, pois automaticamente serão eliminados.

Na procura pelo estudo também é a mesma coisa, sempre dizem para voltar o mês que vem e quando percebem o ano letivo já se foi e não tiveram ao menos a chance de se matricularem para receberem uma educação como os demais setores da sociedade.

Muitas vezes sem a chance de se conseguir um emprego jovens e até mesmo crianças acabam se envolvendo com a criminalidade, pois ali encontram uma maneira de se ganhar dinheiro e ter um “status” social, pois traficantes são temidos e também admirados pelo seu “poder” e também pelo dinheiro que conseguem obter através desse delito.

O tráfico está se tornando algo normal hoje em dia, uma vez que criou-se uma habitualidade no consumo de drogas e as pessoas ao passarem por alguém consumindo essas substâncias, não se intimidam mais pelo crescente número de usuários em seus cotidianos.

Essa atividade “recruta” crianças e adolescentes para prestarem serviço na boca, vai desde a segurança, como avisar a entrada da polícia ou de outras facções, crianças são vistas com armas nas mãos e atirando como gente grande, ou seja, sem nenhuma expectativa de uma vida melhor, pois desde muito pequenos já são envolvidos na criminalidade.

Percebe-se que cada vez mais jovens estão no controle das bocas, cargo este que normalmente deveria ser ocupado pelos mais velhos e meninos estão na chefia, oferecem favores para as crianças para atraí-las para as facções. A troca de favores é algo que atrai muitas pessoas para esse delito.

O tráfico é bem estruturado, há a divisão de tarefas que vai desde o preparo da droga até a sua entrega para os usuários e a vigilância da boca, soma-se a isso os crimes análogos ao tráfico que são cometidos de forma violenta e submetem a sociedade aos conflitos armados.

Soma-se a isso a corrupção existente nos Órgãos Estatais que colabora demais para esse ciclo de dominação desse ilícito. Presos recebem regalias dentro dos presídios e passam a comandar a atividade de dentro das penitenciárias, demonstrando assim todo o seu poder.

Contudo o que foi exposto, nota-se que o tráfico de drogas tornou-se uma questão perplexa que atualmente envolve todos os setores da sociedade e que o Poder Público deve propor medidas eficazes para combatê-lo, pois a sociedade clama por segurança e deseja que os brasileiros sejam sujeitos de direitos e não apenas objetos, que se coloque em prática os direitos fundamentais estabelecidos em nossa Carta Magna para todos, independentemente de sua classe social.

**REFERÊNCIAS**

ARGIMON, Irani I. de Lima; LOPES, Regina Maria Fernandes e MELLO, Daniela Canazaro de. **Mulheres encarceradas e fatores associados a drogas e crimes.** 2010. Ciências & Cognição 2010; Vol. 15 (2): 121-131. Disponível em http://www.cienciaecognicao.org. Submetido em 12/03/2010 | Aceito em 06/07/2010 | ISSN 1806-5821 – Publicado on line em 15 de agosto de 2010. Acesso em 23/02/2015.

ATHAYDE, Celso e MV Bill. **Falcão – Meninos do tráfico.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. ISBN 85-7302-771-1.

CARVALHO, Eliel Ribeiro; SILVA, Luciana Antônio da. **O tráfico de drogas e o crime organizado.** Publicado em 29 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.artigos.com/artigos/artigos -academicos/direito/o-trafico-de-drogas-e-o-crime-organizado-32939/artigo/#.VRr9ZvnF\_0w. Acesso em 20/03/2015.

FARIA, Ana Amélia Cypreste. **Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas.** Tese de mestrado. 2009. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp110605.pdf. Acesso em 06/04/2015.

MADRID, Daniela Martins. **O crime organizado como precursor do Estado paralelo e o seu confronto perante o Estado Democrático de Direito.** Disponível em http://www.intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/juridica/article/viewfile/298/289. Ano 2004. Acesso em 13/04/2015.

PEREIRA, Eduardo Godinho. **O tráfico de drogas ilícitas: uma modalidade do crime organizado.** 2014. Disponível em http://www.bibliotecapolicial.com.br/upload/documentos/O-TRAFICO-DE-DROGAS-E-O-CRIME-ORGANIZADO-21069\_2011\_8\_7\_51\_24.pdf. Acesso em 23/02/2015.

PIMENTEL, Maria Elisa da Silva. **O lado certo da vida errada: um estudo sobre o tráfico de drogas sob o comando do Império.** Rio de Janeiro: UFRJ/ESS, 2007, xi 260f.:il; 31 cm. Orientador: Giuseppe Mario Cocco. Tese (doutorado) – UFRJ/ESS/ Programa de Pós-graduação em Serviço Social, 2007. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br. Acesso em 06/04/2015.

PRADO, Eduardo Homem Paes do. **O Estado brasileiro e a segurança pública no combate ao crime organizado.** Disponível em http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/8628/O-Estado-brasileiro-e-a-segurança-publica-no-combate-ao-crime-organizado. Publicado em 07/09/2014. Acesso em 13/04/2015.

1. Graduada pelas FIO- Faculdades Integradas de Ourinhos –FIO. Advogada. Aluna do Curso de Pós-Graduação em Direito do Estado nas FIO- Faculdades Integradas de Ourinhos –FIO/PROJURIS. [↑](#footnote-ref-1)